

INTERPRETAÇÕES DA CULTURA: UM ESTUDO INTRODUTÓRIO AO CONCEITO DE CULTURA

Sâmela de Freitas Valamatos

Mestre em Ciências Humanas – Universidade Estadual do Amazonas, UEA – 2024;
Especialista em Neuropsicologia – Universidade Metropolitana de Manaus, FAMETRO – 2020; Graduada em Psicologia – Universidade Metropolitana de Manaus, FAMETRO – 2018.

Gimima Beatriz Melo da Silva

Pós-Doutorado em Sociologia pela Universidade do Porto. Doutorado em Antropologia pela UFF. Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia pela UFAM, líder do Laboratório de Pesquisa em Ciências Sociais da Amazônia (LAPECSAM). Professora Adjunta do quadro permanente do PPGICH-UEA. [https://orcid.org/número\(0000-0003-3904-1451\)](https://orcid.org/número(0000-0003-3904-1451))

Jocilene Gomes da Cruz

Doutora em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas. Professora Associada da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: jgcruz@uea.edu.br

Resumo: O presente artigo tem como discussão central o conceito de cultura e foi elaborado a partir do estudo de quatro diferentes autores: Zygmunt Bauman, Roque de Barros Laraia, Roy Wagner e Clifford Geertz. Por meio da leitura de seus estudos, foi possível realizar um levantamento de quatro aspectos divididos no desenvolvimento deste da seguinte forma: “atribuições da cultura”; “conceitos da cultura”; “questionamentos metodológicos da cultura: Descrição VS Interpretação?”; e “equívocos das interpretações da cultura”, contando com um aparato de discussão teórica a respeito de cada tema desenvolvido capaz de trazer uma fundamentação básica ao conceito discutido.

Palavras-chave: Cultura, Práxis, Sociedade, Símbolos.

Abstract: This article has as its central discussion the concept of culture and was elaborated from the study of four different authors: Zygmunt Bauman, Roque de Barros Laraia, Roy Wagner and Clifford Geertz. By reading their studies, it was possible to carry out a survey of four aspects divided in the development of this as follows: “attributions of culture”; “concepts of culture”; “methodological questionings of culture: Description VS Interpretation?”; and “misconceptions of cultural interpretations”, relying on a theoretical discussion apparatus regarding each topic developed capable of bringing a basic foundation to the concept discussed.

Keywords: Culture, Praxis, Society, Symbols.

INTRODUÇÃO

O indivíduo da espécie humana é um ser com peculiaridades únicas em comparação as outras formas de vida com as quais compartilhamos nosso espaço de existência, é um ser que pensa, escolhe, tem consciência, tem particularidades e até algumas generalidades, saber perceber isso e compreender os fenômenos observáveis é uma conquista de grandes estudiosos e teóricos mas, não é o que vemos sempre, por vezes, diversas ciências utilizam de argumentos como ambiente, histórico pessoal, biologia, genética, entre outras, para explicar todas as diferenças, porém, tais explicações compõem uma simplicidade reducionista, não abrangendo a plenitude dos encontros sociais, dos comportamentos individuais e das possíveis ordens grupais, sendo assim insuficientes para aparamentar teoricamente tal fenômeno em sua completude.

Evoluir tais compreensões parece ser um futuro certo aos atuais teóricos e estudantes das ciências humanas e sociais, aparamentando melhor as teorias, cuidando para que erros metodológicos e interpretativos sejam identificados, corrigidos e evitados, por meio da observação e registros, perpetuando-os aos nossos pares por meio de nossos sistemas de símbolos. É necessário que se vá para além do fundamento biológico e psicológico, é necessário que se pense e se estude a própria cultura que permeia qualquer grupo afim de falar das similaridades e diferenças.

A compreensão tanto semiótica quanto teórica da cultura deveria ser praticada por todos os acadêmicos que almejam estudar qualquer aspecto humano, e este artigo traz abordagens capazes de satisfazer esse feito de forma introdutória, inserindo o leitor aos entendimentos básicos desse conceito, por meio de teóricos que embasem essa discussão na atualidade, contendo suas falas e o entendimento delas, não suprimindo a necessidade de lê-los e compreendê-los em suas escritas originais mas, norteando o entendimento inicial da discussão.

MÉTODO

Mediante a necessidade percebida de compreender o que é a cultura e regida pelo questionamento do mesmo, foi realizada a leitura analítica e o fichamento de quatro livros: Ensaio sobre o conceito de cultura, escrito por Zygmunt Bauman; A interpretação da cultura, escrito por Clifford Geertz; Cultura: um conceito antropológico, escrito por Roque de Barros Laraia e, A

invenção da cultura, escrito por Roy Wagner. Após as leituras, foi realizada uma análise de conteúdo dos fichamentos e identificada a capacidade de conteúdo suficiente para o estabelecimento de quatro diálogos: quais as atribuições da cultura; qual o conceito de cultura; interpretação versus descrição da cultura e quais os principais equívocos presentes na interpretação da cultura.

Este é um artigo descritivo e conta, em seu corpo, subsídios suficientes para que se afirme um entendimento introdutório da cultura por isso, o termo “introdução” foi escolhido para estar presente no título deste, gerando no leitor a reflexão de que é necessário se aprofundar nos autores aqui abordados e outros para maior desenvolvimento da temática. Estes quatro livros foram selecionados por indicação de doutores experientes nas discussões a respeito da cultura e contam com escritores antenados ao conceito de cultura, transcrevendo-o e expandindo-o ao nosso entendimento. Os autores são de três diferentes áreas: sociologia, filosofia e antropologia e, todos possuem reconhecimento e prestígio no meio acadêmico.

ATRIBUIÇÕES DA CULTURA

“A natureza dos homens é a mesma, são seus hábitos que os mantêm separados” (Confúcio [IV a.C.?] *apud* Laraia, 2008, p. 10). Desde a antiguidade observa-se e tenta-se explicar as diferenças aparentes nos comportamentos dos homens e, muitos dos registros que se tem deste fenômeno, apontam erroneamente, como fator causal, as variações presentes no ambiente físico (Laraia, 2008, p. 13) porém, tais diferenças não podem e não alcançarão êxito explicativo se não nos termos da diversidade cultural presente na “unidade da espécie humana” (*Ibid.*, p. 34).

O processo de socialização do homem tem como resposta a construção de um meio cultural, o que forma e molda o próprio homem, um “herdeiro de um longo processo acumulativo” originário das gerações que o antecederam, não de um gênio isolado, mas de toda uma comunidade que, aprende e reproduz conhecimentos provenientes das experiências passadas, ao mesmo tempo que produz e molda novos conhecimentos e experiências as gerações futuras, de forma que “a manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções” (Laraia, 2008, p. 45), sendo transmitida aos demais indivíduos e criando “um interminável processo de acumulação” (*Ibid.*, p. 52), formatando assim o próprio comportamento humano ao tempo que se é formatada pelo mesmo.

A cultura é utilizada para todos os propósitos em todas as conexões humanas de forma que todos os seus significados são experimentados pelos indivíduos, compondo as generalizações e os derivativos desta (Langer *apud*

Gueertz, 1989, p. 03), sendo inclusive descrita por Geertz como a “chave para o universo”, originando e regendo as interpretações individuais a respeito dos temas sociais, promovendo significados e conceitos aos acontecimentos da vida mediante a cultura no qual o indivíduo está inserido, talvez não passíveis, tais significados, de comprovação empírica mas, passível a cultura no entorno deste, de observação, interpretação, identificação e até mensuração, em alguns casos (Gueertz, 1989, p. 03).

A cultura abrange funções como as estruturações da “ordem moral e valorativa” de uma comunidade, “o modo de ver o mundo” dos indivíduos que a compõe, as diferenças entre os “comportamentos sociais” e até mesmo a postura corporal, os hábitos alimentares, as formas de conversações, entre muitos outros aspectos simplesmente corriqueiros ou amplamente complexos, estão atrelados a “uma herança cultural”, “o resultado da operação de uma determinada cultura” (Laraia, 2008, p. 68).

Não é a intensão deste, negar o aparato biológico ao qual o homem está relacionado, é fato que o homem precisa, para manter-se vivo, atentar-se as suas necessidades básicas, “como a alimentação, o sono, a respiração, a atividade sexual”, entre outras; funções comuns a todos os indivíduos que independem de quaisquer sistemas culturais para que ocorram, porém, a forma que cada indivíduo realiza tais atividades está atrelada ao sistema cultural no qual ela faz parte, e é “esta grande variedade na operação de um número tão pequeno de funções que faz com que o homem seja considerado um ser predominantemente cultural” (Laraia, 2008, p. 37-38).

A partir de um processo denominado de “endoculturação” é que os indivíduos aprendem seus comportamentos, portanto, é importante atentar-se para as diferenças educacionais que geram respostas comportamentais diferenciais atreladas a cultura e não a biologia do natural ou aspectos do ambiente (Laraia, 2008, p. 19-20). Diferenças como as percebidas entre meninos e meninas são um exemplo disso, há muito o homem rompeu com suas limitações biológicas: o que era um “frágil animal”, destinado as dependências físicas de sua pequena estatura e força, dominou, por meio de sua diferença racional, por possuir cultura, “toda a natureza e se transformou no mais temível dos predadores. Sem asas, dominou os ares; sem guelras ou membranas próprias, conquistou os mares” (*Ibid.*, p. 24).

Por fim desde tópico, mas nem tão cedo dessa discussão nos meios acadêmicos, a cultura pode ter ainda, segundo Bauman, uma função ambivalente, sendo um agente de ordem e de desordem, uma normatividade e um marco de criatividade, o agente causador de diferenças linguísticas e comportamentais, em suma, a práxis humana (Bauman, 2012, p. 219), Laraia

reforça a cultura enquanto ordem quando, na chegada do outro, do diferente, do estranho ou estrangeiro, em determinadas comunidades, percebe-se uma “quebra na ordem social ou sobrenatural” (Laraia, 2008, p. 73) e, por mais que o “ecletismo” seja uma opção, Gueertz coloca-o como uma “autofrustração”, reforçando a necessidade e importância de escolha e de vínculos culturais como um caminho que foge a uma frustração existencial (Gueertz, 1989, p. 04).

CONCEITOS DE CULTURA

É necessário que se converse sobre uma “abordagem semiótica da cultura” para acessar o mundo conceitual no qual vivem os indivíduos e, portanto, propriamente conversar com esses indivíduos, para isso, dois avanços constroem-se importantes: a “necessidade de penetrar num universo não familiar de ação simbólica” e os avanços teóricos da cultura que exigem certas técnicas, ambos resultantes em um possível problema metodológico em que, ao ter que se ajustar em termos de uma lógica interna, limitam-se quaisquer visualizações que possam ter daquele caso em particular que se apresenta em um grupo de indivíduos humanos (Gueertz, 1989, p. 35).

Em uma breve discussão sobre a gênese da cultura, Laraia aborda dois teóricos: Lévi-Strauss (1976), renomado antropólogo Francês que considera que a “cultura surgiu no momento em que o homem convencionou a primeira regra, a primeira norma”, e Leslie White (1955), um antropólogo Norte-Americano que “considera que a passagem do estado animal para o humano ocorreu quando o cérebro do homem foi capaz de gerar símbolos”, ambas especulações teóricas da gênese da cultura a colocam como uma característica essencial do atual indivíduo humano (Laraia, 2008, p. 54-58).

Guertz, ao discutir sobre o conceito geral da cultura, cita Max Weber e sua teoria de que “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”, afirmando que o conceito de cultura é essencialmente semiótico e que pode ser representado como estas “teias de significados”, não uma “ciência experimental em busca de leis”, mas “uma ciência interpretativa, a procura do significado” (Gueertz, 1989, p. 15). Essa análise dos “padrões culturais em termos de sua função-signo” nos permite relacionarmos-nos com a práxis humana sem prejuízo nas análises, um conceito dinâmico que preserva e gera formas, que “pressupõe a existência de uma relação” e, nos planos de estruturas estão as “unidades significativas elementares” e não os elementos em si (Bauman, 2012, p. 184).

O termo cultura, ao ser tratado como um “sistema simbólico” representa uma efetividade maior, pelo qual isolam-se os elementos, especificam-se as relações desses elementos e, a partir daí, tem-se uma caracterização de todo o sistema de uma maneira geral (Gueertz, 1989, p. 27), como um sistema de símbolos e significados, não sendo necessariamente preciso uma observância ou uma literalidade observacional de um aspecto da cultura (até “mesmo fantasmas e pessoas mortas podem ser categorias culturais”), onde, a partir das culturas tem-se “categorias ou unidades e regras sobre relações e modos de comportamento” (Schneider, 1908 *apud* Laraia, 2008, p. 63).

“O homem é o único ser possuidor de cultura” (Laraia, 2008, p. 28), atitudes como negar o acasalamento com parentes muito próximos, inventar outros mundos, fazer arte, produzir ferramentas, ter ciência da morte, falar, usar símbolos para se comunicar e representar o mundo, pensar, ter consciência, valores, medos, escrúpulos, história, entre outros, são exclusividades dos indivíduos humanos, são exclusividades da cultura (Bauman, 2012, p. 133).

Taylor, o primeiro teórico que conceituou a cultura em nossos registros, a descreveu como “todo aquele complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e capacidades adquiridos pelo homem como membro da sociedade” (Taylor, 1817 *apud* Laraia, 2008, p. 28), revelando assim a “multiplicidade de realidades” pois esta é construída de uma maneira individual a cada um que a experimenta, “uma lente através da qual o homem vê o mundo”, onde um não usa da mesma lente que o outro gerando diferenças nas visões do próprio mundo (Ruth Benedict, 1972 *apud* Laraia, 2008, p. 67), possibilitando a criatividade humana, atuando como um “inimigo natural da alienação”, questionando “constantemente a sabedoria, a serenidade e a autoridade que o real atribui a si mesmo” (Bauman, 2012, p. 301).

W. Goodenough aborda que a “cultura é um sistema de conhecimento”, tudo aquilo que um indivíduo acredita, conhece, opera “de maneira aceitável dentro de sua sociedade” (*apud* Laraia, 2008, p. 61). O fluxo do comportamento, o fluxo social das ações, deve ser analisado com exatidão pois nelas é que as formas culturais serão articuladas (Gueertz, 1989, p. 27), não necessariamente exclusivamente como “um complexo de comportamentos concretos, mas um conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras, instruções” que governam o próprio comportamento, no qual todos os homens estão aptos a receber tais

mecanismos de governança, ou seja, todos são passíveis de receber a cultura em si (Laraia, 2008, p. 62), um documento imaginário de atuação pública (Gueertz, 1989, p. 20).

DESCRIÇÃO VERSUS INTERPRETAÇÃO DA CULTURA: UM QUESTIONAMENTO METODOLÓGICO

Quando falamos sobre algo “nós já estamos explicando e, o que é pior, explicando explicações” (Gueertz, 1989, p. 19), os estudos de culturas específicas em suas observações estudantis ou teóricas, compõe um dilema, entre descrever uma cultura ou interpretar uma cultura. Somente um indivíduo pertencente a uma determinada cultura é capaz de interpretá-la de maneira mais segura (*Ibid.*, p. 25), é necessário “primeiro aprender e depois apresentar” a cultura de um determinado grupo (*Ibid.*, p. 20), isso nos indica que o código utilizado na descrição ou explicação que se encontram nas teorias, não determina necessariamente a conduta, e o que foi dito não necessariamente precisa sê-lo (*Ibid.*, p. 28).

O trabalho do antropólogo, e por extensão de quaisquer teóricos da cultura, deve ser mais observador e menos interpretativo e, o ato de traduzir uma cultura, transcrever comportamentos, não finda a necessidade de traduções subsequentes, “a tradução é um diálogo contínuo, incompleto e inconclusivo que tende a continuar assim”, quaisquer limites que sejam estabelecidos nos esforços das traduções das culturas serão, e devem ser, “violados e retraçados” inúmeras vezes, pois a própria tradução é uma contingência (Bauman, 2012, p. 74) no qual “o antropólogo usa a sua própria cultura para estudar outras” culturas (Wager, 2010, p. 28) e a cada tentativa de tradução, o próprio escritor se encontrará uma nova pessoa, modificado e com novas visões (Bauman, 2012, p. 74).

Portanto, a descrição é essencial as futuras interpretações e as próprias interpretações são necessárias as descrições atuais, “o que se deve perguntar a respeito” de um comportamento, “de uma piscadela”, por exemplo, “é qual é a sua importância: o que está sendo transmitido com a sua ocorrência e através da sua agência” (Gueertz, 1989, p. 20), buscando assim o significado no próprio fenômeno e não teorias vazias explicativas advindas do observador ou escritor, isso promoverá uma melhor qualidade de trabalho e do próprio fazer científico.

EQUÍVOCOS INTERPRETATIVOS DA CULTURA

Quando se escrevem teorias gerais de interpretação cultural, comete-se o primeiro equívoco abordado por Gueertz, segundo o autor, não é possível que se elabore uma teoria unificada, harmônica e capaz de expressar

realidades sobre as diversas culturas, não sendo possível, portanto, “codificar regularidades abstratas”, como se esta fosse um poder capaz de atribuição causal aos acontecimentos sociais, comportamentos, instituições ou processos, sendo necessário que se realize uma descrição minuciosa e densa, capaz de generalização dentro dos próprios casos e não a partir deles (Guertz, 1989, p. 24; 35-36).

Existe uma noção de que seja possível encontrar essências sociais, nacionais, de comunidades, grupos, cidades, aldeias e/ou outras unidades de análises quando se observa a cultura, o que é “um absurdo!”, “o que se encontra em pequenas cidades e vilas é, por sinal, a vida de pequenas cidades e vilas” (Gueertz, 1989, p. 32), uma análise de hábitos culturais não pode ser efetiva senão “a partir do sistema a que pertence”, tentar transferir quaisquer lógicas obtidas a partir de observações específicas não passa “de um ato primário de etnocentrismo” (Laraia, 2008, p. 87).

Wagner nos traz uma crítica ainda mais profunda quando afirma que a cultura é apenas uma “invenção do antropólogo”, fruto de uma necessidade de “objetificação” capaz de gerar um entendimento sobre o outro, uma projeção do mundo ocidental (Wagner, 2010, p. 73), no qual o antropólogo “inventa a cultura que ele acredita estar estudando”, inventa a sua própria cultura e “a própria noção de cultura” (*Ibid.*, p. 31) mas esse processo não ocorre sem o aprendizado, o antropólogo aprende sobre a cultura do outro assim que a inventa, e segue-se um processo de aprendizado e invenção, utilizando-se de “uma base de significados que ele já possui”, “o antropólogo estuda uma cultura já envolvido de seus próprios significados” pessoais (*Ibid.*, p. 35-36).

Não é “arrumando entidades abstratas em padrões unificados” que se ganha acesso empírico ao termo cultura, tal acesso só é possível se o observador inspecionar os “sistemas de símbolos em seus próprios termos”, inspecionar os acontecimentos (Gueertz, 1989, p. 28), não visando encaixar uma teoria pré-existente a realidades atuais ou passadas, mas gerar uma teoria capaz de sobreviver as realidades que ainda estão por vir (*Ibid.*, p. 37), essa variação temporal “constitui um elemento importante na análise de uma cultura” (Laraia, 2008, p. 97).

A cultura trazida como práxis por Bauman também merece especial atenção a equívocos que podem ser estabelecidos em suas descrições quando, em suas análises deve ser observada enquanto um atributo da comunidade, um fenômeno capaz de “transcender a ordem natural ou naturalizada e criar novas e diferentes ordens” (Bauman, 2012, p. 228), não uma realidade “superorgânica autocontida, com forças e propósitos em si mesma”, nem

“alegar que ela consiste no padrão bruto de acontecimentos comportamentais que de fato” observa-se ocorrendo “em uma ou outra comunidade”, tais posicionamentos retificam e/ou reduzem o termo cultura, obscurecendo-a e não cumprindo com a proposta teórica adequada ou sequer aceitável (Gueertz, 1989, p. 21).

Por fim, mas não encerrando a totalidade desse assunto de suma importância para que se evitem recorrências de equívocos metodológicos, “a cultura pensada como algo objetivo e inflexível é uma invenção e só pode ser útil como uma invenção, uma muleta” (Wager, 2010, p. 36), ela não deve ser vista nem como uma profecia, nem algo que está localizado “na mente e no coração dos homens” (Gueertz, 1989, p. 21; 36). As más compreensões da cultura devem ser estudadas afim de serem evitadas por quem as almeja compreender, estudar, observar ou teorizar.

CONSIDERAÇÕES

A cultura é um atributo humano resultante, ou causador (essa etapa da discussão me remete a perguntas tão abstratas quanto profundas do “que vem primeiro?”), de um processo de socialização, que é perpassado de forma cumulativa de geração a geração, acrescido de novos conhecimentos, ajustado aos conhecimentos já perpassados, moldando e sendo moldado pelos indivíduos que pertencem a determinada cultura. É por meio da cultura que o homem inventa, inova, cria, molda e mantém criações.

Em todas as conexões, todos os encontros, todos os contatos, uma ordem moral e valorativa permeia os indivíduos, os encontros entre visões de mundo, as diferenças observáveis entre as formas de existir, são inerentes aos aspectos culturais que circulam estes fenômenos, sendo a cultura uma própria ordenadora do universo e também a fonte da própria desordem por vezes, não uma sentença, mas o comportamento, a práxis humana como um todo.

Diferente das demais formas de existência no mundo, o homem possui a cultura, e esta por sua vez, o permite a grandes coisas, inclusive a compreensão desta é uma porta de expansão da própria cultura, uma cultura que pensa sobre as culturas pode ser classificada em termos evolutivos como uma sociedade que tem se aprimorado teoricamente para um diálogo mais eficaz entre as sociedades, um caminho capaz de promover, quando bem manejado, diálogo e respeito entre as diferenças.

O indivíduo humano é repleto de símbolos pelos quais perpetua seus conhecimentos aos seus e significam o mundo de significados particulares, grupais e até, por vezes, globais de seus próprios fenômenos e, tais

significados são, segundo alguns autores, a própria cultura. O mundo é visto, entendido e explicado por meio dos esquemas de signos que o indivíduo que o narra possui, e é compreendido pelo sistema de signos que o ouvinte possui, sendo uma contingência fundamental a epistemologia de quaisquer relações.

Pela contingência descrita acima, é necessário que não somente se teorize as culturas, mas principalmente as descreva, descreva os comportamentos observáveis e não observáveis, conheça-se e adentre-se nos sistemas culturais para melhor visualização e acesse o que os indivíduos que a integram, almejam ou significam (com) os fenômenos de seus encontros, para que desta forma, não somente o teórico atual produza suas interpretações, mas os teóricos futuros possam atribuir outras significações que ele possa observar, com zelo e cuidado para não sentenciar as teorias nem objetificar as pessoas, produzindo assim uma melhor formatação metodológica de interpretação da cultura.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, ZYGMUNT. **ENSAIOS SOBRE O CONCEITO DE CULTURA**. TRADUÇÃO CARLOS ALBERTO MEDEIROS. RIO DE JANEIRO: ZAHAR, 2012.

GEERTZ, CLIFFORD. **A INTERPRETAÇÃO DAS CULTURAS**. RIO DE JANEIRO: LTC, 1989.

LARAIA, ROQUE DE BARROS. **CULTURA: UM CONCEITO ANTROPOLÓGICO**. 22. ED. RIO DE JANEIRO: ZAHAR, 2008.

WAGNER, ROY. **A INVENÇÃO DA CULTURA**. SÃO PAULO: COSAC NAIFY, 2010.